

Associação dos amigos do departamento de Economia - AMEFEA

Entidade recentemente criada por docentes, pesquisadores, pais de alunos, ex-alunos e demais pessoas interessadas. Tem como objetivo principal apoiar as atividades educacionais e culturais do Departamento de Economia da FEA-USP.

Importante

O Departamento de Economia da FEA-USP e a Diretoria da AMEFEA promoverão uma festa de integração e boas vindas aos novos alunos do curso de Economia no início de 2008 e, na mesma oportunidade, apresentarão aos senhores pais a avaliação de desempenho dos alunos no ano de 2007. O evento será no dia 15 de março de 2008 (local e horário a confirmar).
Informações: 3091.5865 ou pelo e-mail amefea@fipe.org.br com Dora.

SE VOCÊ QUISER SER UM DOS PATROCINADORES DESTA GRANDE EVENTO ENTRE EM CONTATO CONOSCO.

AGUARDEM A PRÓXIMA AGENDA DE SEMINÁRIOS/2008

- Coordenados pela Prof. Diva Benevides Pinho.
- Coordenados pelo Prof. Dr. Antônio Delfim Netto.

Você sabia?

-Que na FUVEST 2008 o curso de Economia ficou com a 8ª maior nota de corte (nota mínima), e ficou em 6º lugar em nota máxima? Para mais informações: www.fuvest.com.br
-Que a AMEFEA está estruturando um programa de apoio financeiro aos alunos de graduação em Economia, com previsão de início para o primeiro semestre de 2008? Aguardem!!!

-Que 5 alunos se inscreveram para concorrer a uma bolsa para realizar pesquisa na área de Mercado da Arte? A seleção será no próximo mês. Aguardem o resultado!!
-Que a partir deste ano todos os alunos e professores só poderão usar e-mail do domínio USP. Para mais informações entrar em contato com a secretaria. fone: 3091.6061

Aviso

Inscrições para Associado da AMEFEA:
• Via e-mail: amefea@fipe.org.br
• On-line no site do Departamento de Economia: <http://www.econ.fea.usp.br>.

• Informações sobre a Associação dos Amigos do Departamento de Economia estão disponíveis no site: <http://www.econ.fea.usp.br>.

Parabéns da AMEFEA

AOS ALUNOS APROVADOS NO DOUTORADO 2008:

Área de Teoria Econômica:

Gustavo Barros
Gustavo Andrey
Alexandre Messa P. da Silva
Adriano Giacomini Morais
João Paulo M Faleiros
Danilo de Freitas da Silva

Área Economia das Instituições e do Desenvolvimento:

Mauício Dias Leister
Gustavo Barros
Michael Deliberali Marson
Marisan Mariano de Souza
José Paulo Guedes Pinto



Para o Prof. Dr. Joaquim Martins Guilhoto – Chefe do Departamento de Economia – USP pela reportagem: USP traz de volta ao país nova geração de doutores (Valor Online - São Paulo, 17 de dezembro de 2007)

Primeira turma do programa “Jovens Talentos” com o chefe do departamento de economia da USP, professor Joaquim Guilhoto (à frente)

A preocupação com a retenção de talentos e com os processos de sucessão chegou à academia. Preocupada com a substituição de 25 de seus 70 professores nos próximos anos, o departamento de economia da Universidade de São Paulo (USP) criou o programa “Jovens Doutores”. O objetivo é fugar talentos brasileiros nas melhores universidades do mundo e convence-los a fazer o caminho de volta.
Trecho da Reportagem do Jornal Valor, 17/12/07

Para Profª Dra. Diva Benevides Pinho pela reportagem :

CBN e TV Record: reportagens da Profa. Dra. Diva Benevides Pinho (autora de Arte como Investimento) a respeito de furtos e roubos de obras de arte, no dia seguinte ao espetacular furto de duas importantes telas do MASP (dezembro/2007). Comentou que se trata do terceiro delito “mais rentável” do mundo, depois do contrabando de armas e do narcotráfico.

Calcula-se o movimento do mercado de arte furtada ou roubada em vários bilhões de dólares por ano, o que faz supor o envolvimento simultâneo de marchands clandestinos, colecionadores inescrupulosos, receptores, escroques, guerrilheiros, terroristas, policiais e funcionários alfandegários corruptos, entre outros. Há muitos anos o Brasil vem perdendo parte importante de seu patrimônio histórico e artístico. Obras sacras, por exemplo, continuam “sumindo” de pequenas igrejas no interior do País - a maioria sem nenhuma documentação, foto ou especificação para tentativas de recuperação.

Os Usos do Passado e a História do Pensamento Econômico

Prof. Dr. Pedro Garcia Duarte

Programa Jovens Doutores FIPE/FEA-USP

O certo desprestígio acadêmico da história do pensamento econômico nas principais universidades do mundo, nos dias de hoje, não é sinônimo de um desinteresse dos economistas pelo passado de sua ciência. Como entender então a situação atual, marcada pelo desinteresse por história do pensamento, mas não por um desprezo pelo passado? A resposta é que o passado pode ser usado de maneiras distintas e o uso que interessa aos cientistas praticantes não é o mesmo que é valorizado pelos historiadores das idéias (e filósofos da ciência).

Cientistas em geral, e economistas em particular, tendem a buscar no passado as razões para os êxitos presentes. Existe, nesta visão, uma evolução de argumentos teóricos que são progressivamente aprimorados. O clímax deste processo de erros e acertos é o conhecimento hoje estabelecido e utilizado. Decorre disto que os economistas com vasta experiência nas diversas áreas da economia são os que melhor podem recontar os vários passos teóricos que unem os tempos remotos às práticas correntes. O passado, portanto, é a fonte da escuridão que grassava antes de se chegar à luz emitida pelas teorias atuais.

Um uso alternativo do passado é o de olhá-lo como a fonte dos caminhos que poderiam ter sido seguidos, mas que não foram. As limitações das teorias correntes são fruto de escolhas errôneas no passado. Portanto, se queremos resgatar o que de bom foi perdido com tais escolhas, devemos reconstruir o caminho seguido e buscar maneiras de desviá-lo para mais próximo do mundo que poderíamos viver se não tivéssemos optado pelo caminho que optamos.

Há historiadores do pensamento econômico que se interessam por um dos dois usos descritos acima. Entretanto, a prática corrente nesta área do conhecimento é a de valorizar outro tipo de uso do passado. O esforço maior de um historiador deve ser em prover um contexto para se entender a ciência econômica. E contexto aqui significa que não basta apenas reconstruir passos lógicos que nos levam de uma teoria a outra (ou da versão antiga de uma teoria à sua versão atual). Conhecimento é construído por uma certa comunidade, que interage com outras –comunidades estas que têm fronteiras definidas (e redefinidas com o passar do tempo); reflete condicionantes históricos do momento em que foi gerado; é transmitido e partilhado de determinadas maneiras; e tem seu significado negociado primeiro entre grupos pequenos e depois em grupos cada vez maiores. A tarefa do historiador das idéias é em construir uma narrativa que ofereça um contexto no qual entender o conhecimento gerado. Claro deve ficar que não existe uma única narrativa histórica possível, a “correta”. Narrativas diversas podem ser geradas, cada qual enfatizando certos aspectos do conhecimento econômico sob análise.

E o desprestígio atual da história do pensamento econômico? Bem, a história é complexa, mas nasce da matematização da ciência econômica no período após a Segunda Guerra Mundial. O estudo da matemática e da econometria passaram a tomar mais espaço na grade curricular dos programas de pós-graduação, principalmente nos Estados Unidos (desde então a potência acadêmica líder no mundo). E o espaço conquistado por estas disciplinas foi tomado de outras disciplinas, como história do pensamento econômico. Junto a isto, há todo um processo através do qual história do pensamento passou a ser vista como hostil à teoria econômica dominante, como distante cientificamente das teorias econômicas produzidas contemporaneamente, e seus praticantes como os distantes da modernização formal em vigência na economia. No fundo, houve e há hoje também uma tensão advinda dos diferentes usos do passado discutidos anteriormente: se a ciência é uma progressão de argumentos lógicos e de teorias, há apenas um tipo de uso do passado que é pertinente, o da evolução do passado menos científico e informativo ao presente, mais científico e perto da verdade. De acordo com este entendimento, qualquer outro contexto para se entender a prática científica enfatiza aspectos que não fazem parte do progresso da ciência e, portanto, ameaçam o caráter objetivo que a legitima.

Há os que sustentam que o futuro da história do pensamento econômico está na ênfase recente em se estudar a economia “moderna”, ou seja, aquela produzida desde meados do século passado. Há sim aqui um espaço para interação de historiadores e demais economistas. Mas sua durabilidade e amplidão dependem, no mínimo, da tolerância a usos distintos do passado.

Informe AMEFEA

Comissão Editorial:

Diva Benevides Pinho

Vera Lúcia Fava

Consultora Jurídica: Diva Benevides Pinho

Jornalista Responsável: Wilson Candido Ramos MtB: 48878

Secretária: Dora Brisolla

AMEFEA:

Presidente de Honra

Prof. Antônio Delfim Netto

Associada Honorária

Prof^a. Diva Benevides Pinho

Diretoria Executiva

Diretor Presidente: Joaquim Martins Guilhoto

Vice-Presidente: Murilo Norcia

Diretor Adm. – Financeiro: Masakazu Hoji

Diretora Técnica: Vera Lucia Fava

Diretoria de Relações Institucionais: Marília P. Cavinato

Secretário Executivo: José Carlos Souza Santos

Conselho Fiscal:

Titulares: Tso Lam Sing (Marcos)

Robélio Pereira Ribeiro

Cláudio Carneiro

Suplente: Marlene Bravo

Comissão de captação de recursos:

Marília P. Cavinato

Aquiles Cavinato

Leonardo Ongaro